

## LÍNGUA PORTUGUESA E ENSINO: A ANÁLISE LINGUÍSTICA COMO PRÁTICA DIDÁTICO-DISCURSIVA.

Ivanda Virgínio Cabral<sup>1</sup>;

Valquíria de Queiroz Souza<sup>2</sup>;

Yara de Fátima Nascimento<sup>3</sup>;

Guilherme Lima Moura<sup>4</sup>

*Universidade Federal de Pernambuco- ivandavc@hotmail.com <sup>1</sup>*

*Faculdade Integrada de Patos -valqueiroz35@gmail.com <sup>2</sup>*

*Universidade Federal da Paraíba- yara \_doia@hotmail.com <sup>3</sup>*

### **Introdução**

Nos últimos tempos inúmeras pesquisas vêm retratando a maneira como o ensino da Língua Portuguesa (LP) vem sendo concebido. E temos nos deparado com as dificuldades e os avanços encontrados no trabalho com as práticas discursivas de oralidade, leitura, escrita e principalmente a Análise Linguística. (AL). Os professores precisam refletir sobre o objetivo do ensino da LP, pois as decisões pedagógicas desses professores dependem de certas concepções de língua. Este estudo enquadra-se nestas discussões acerca da prática da língua/linguagem e da Análise Linguística no ensino da LP. Enquanto docentes de LP da Educação Básica da Rede Pública, sentimos a necessidade de pesquisar sobre esta temática.

Tendo por base as reflexões suscitadas, algumas inquietações surgiram, entre elas: Qual a prática discursiva dos professores? Como esses professores lidam com tais contradições existentes entre a proposta de Análise Linguística (AL) e a gramática normativa? Será que eles reconhecem a AL como eixo do ensino da Língua Portuguesa? Qual sua relação com o livro didático dentro da Análise Linguística? Como os Parâmetros Curriculares (PCN) de Língua Portuguesa contribuem para a sua prática?

Diante desta problemática, é preciso repensar as práticas pedagógicas e as abordagens adotadas até então e procurar meios de minimizar as dificuldades dos alunos. É por este viés que debruçamos nosso trabalho, em compreender como os professores de LP vêm trabalhando com a Análise Linguística em sala de aula, ou seja, como os professores têm se apropriado dos novos encaminhamentos teórico e metodológico, no que se refere a este eixo. Dessa maneira, com o propósito de encontrar respostas para essas indagações, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar como os professores de LP trabalham a Análise Linguística no 9º ano do Ensino Fundamental. No que diz respeito aos objetivos específicos, buscou-se: Averiguar a concepção de língua, linguagem e gramática dos professores entrevistados, questionando-os acerca de como essa perspectiva teórica norteia sua metodologia de ensino; investigar o conceito de AL e como eles lidam em sua prática e investigar a compreensão dos professores acerca das orientações para o ensino de AL apresentadas pelos PCNs de Língua Portuguesa.

Essa pesquisa tem uma grande relevância científica, e social, visto que ajudará os professores a desenvolverem a competência comunicativa dos alunos nos mais variados espaços interacionais.

## **Metodologia**

Para atingir os objetivos deste estudo, optou-se pela pesquisa qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados, a entrevista semiestruturada, pois a mesma nos permite captar informações relevantes sobre o conhecimento e metodologias aplicados pelos professores da LP. No que diz respeito ao lócus da pesquisa, esta realizou-se em duas unidades de ensino da Rede Pública do Município de Camutanga/PE, com uma amostra de dois participantes. Uma das unidades é uma instituição municipal e a outra, estadual. Ambas terão seus nomes preservados por questões éticas. A escola municipal será nomeada por “Escola 1” e a escola estadual por “Escola 2”. O professor da escola municipal por P1 e o da escola estadual por P2. Na pesquisa bibliográfica foram feitos levantamentos e estudos a partir das ideias de autores como: Geraldi (1997), Antunes (2014), Mendonça (2006), dentre outros. Assim como materiais já publicados: Proposta pedagógica, PCNs de LP, livros, revistas, sites, jornais, revistas e outros, tendo como princípio básico compreender como os professores trabalham o eixo Análise Linguística em suas aulas.

## **Resultados e Discussão**

### **Concepções de Língua e Linguagem**

É de fundamental importância que o professor conheça algumas concepções de língua e linguagem para que adote posturas/metodologias que ajudem os seus alunos a se desenvolverem. É muito importante para o ensino da LP que o professor saiba sobre essas concepções e suas contribuições para o desenvolvimento dos alunos.

De acordo com Travaglia (2002) há três possibilidades de concepções de linguagem. São elas: A linguagem como expressão do pensamento; a linguagem como instrumento de comunicação e a linguagem como forma de interação. A primeira concepção aborda a linguagem como a tradução do pensamento e quando as pessoas não se expressam bem é porque não pensam; a segunda, por sua vez, aborda a língua como um código que precisa ser dominado pelos falantes para que haja a comunicação; enquanto a terceira, leva em consideração os sujeitos e o espaço que esses sujeitos ocupam.

É sobre essa terceira concepção que este estudo se debruça. Antunes (2014) aborda a linguagem como interação em que os sujeitos estão envolvidos e agem em determinado contexto social e com propósitos comunicacionais. As línguas evoluem com o tempo, se transformam, não envelhecem, mas adquirem novos valores sociolinguísticos.

### **Concepção de Gramática**

Nas últimas décadas, o ensino de LP sofreu mudanças necessárias devido às orientações teórico-metodológicas referentes à análise e reflexão da língua. Contudo, a escola ainda não percebeu seu papel frente a essa transformação no ensino da Língua Portuguesa. Infelizmente ainda encontramos instituições que se limitam, ainda, às regras mecânicas e de memorização da gramática normativa, ou seja, com conteúdos defasados e descontextualizados da vida da

comunidade escolar. Práticas assim, conseqüentemente bloqueiam o desenvolvimento linguístico do aluno.

Observa-se, assim, uma dicotomia nos aspectos levantados, afinal, estamos numa era onde os avanços de informática provocam uma fascinação, uma busca incansável pelo novo. As informações estão a todo vapor. Por que tais práticas ainda resistem?

É fundamental destacar a ambigüidade que essa nova sociedade da informação se revela, em especial, a escola. De um lado, ela acelera a informação; do outro, ela exclui os já excluídos com suas práticas voltadas para um ensino centrado na gramática. No qual, suas aulas não deslumbram o corpo discente.

Diante desta realidade há a necessidade do professor de LP se apropriar do conceito de gramática e promover atividades com práticas voltadas à AL. Algumas reflexões merecem destaque: Mas afinal, não se ensina mais a gramática? O que é gramática? E o que seria saber gramática?

Não é objetivo desta pesquisa afirmar qual é a concepção certa ou errada. A nossa intenção é fazer com que o professor perceba qual é a ideologia de cada uma e sua finalidade na aprendizagem. Para assim, fazer um bom uso na sala de aula. Como diz Antunes (2007, p.53): “Não há dúvida de que deve ensinar a gramática normativa nas aulas de Língua Portuguesa, embora sabe-se perfeitamente que ela em si não ensina ninguém a falar, ler e escrever com precisão”. A autora defende um ensino de gramática que possibilite aos alunos situações que os levem a adquirir competências para usá-las em seu cotidiano, fazendo-se entender e ser entendido. Para tal ação, é necessário que o professor, antes de mais nada, entenda qual é a concepção das gramáticas aplicadas por ele em sala de aula. Segundo Travaglia (2002) há três concepções de gramática: a normativa também conhecida como prescritiva, a descritiva e a terceira a internalizada.

### **Ensino de Gramática ou Análise Linguística?**

Ao refletirmos sobre a maneira como o ensino de LP tem sido pensado nos últimos tempos, não podemos negar que esse ensino vem trazendo grandes avanços importantes na área da Linguística. Assim, tal ensino demonstra as dificuldades encontradas pelo docente em sua metodologia referente ao seu trabalho, trazendo dúvidas a respeito de como ensinar e para que ensinar a gramática.

Antunes (2014) afirma que a escola deve garantir aos alunos condições de adquirir competências a favor do uso da língua, sabendo usá-la em seu cotidiano. A gramática por si só não traz eficácia para o aluno. Corroborando com este pensamento, Bagno (2002, p. 87) afirma:

[...] a gramática deve conter uma boa quantidade de atividades de pesquisa, que possibilitem ao aluno a produção de seu próprio conhecimento linguístico, como uma arma eficaz contra a reprodução irrefletida e acrítica da doutrina gramatical normativa.

Diante do exposto, surge a necessidade do professor de LP assumir seu papel, dedicar-se em adotar novos recursos didáticos, a fim de garantir um ensino de qualidade, que leve o aluno a fazer uso do seu aprendizado. Diante das diversas questões que emergem sobre o ensino de língua materna, elegemos, neste trabalho, a discussão sobre um dos eixos desse ensino: a Análise Linguística. Esse eixo didático tem o intuito de colaborar para a melhoria deste ensino. Segundo Mendonça (2006, p.208):

AL é a reflexão recorrente e organizada, voltada para a produção de sentidos e / ou para a compreensão mais ampla dos usos e do sistema linguísticos, com o fim de contribuir para a formação de leitores – escritores de gêneros diversos, aptos a participarem de eventos de letramento com autonomia e eficiência.

Ainda conforme Mendonça (2006, p.205): “O termo análise linguística, surgiu para denominar uma nova perspectiva de reflexão sobre o sistema linguístico e sobre os usos da língua, com vistas ao tratamento escolar de fenômenos gramaticais, textuais e discursivos”. Portanto, esse eixo de ensino da LP não considera nenhuma modalidade da língua como incorreta, afinal, a língua sofre variações, adequações de quem fala.

### **Atividades Epilinguísticas e Metalinguísticas**

A prática pedagógica do professor de LP é estudada por muitos teóricos da linguística, entre eles está Wanderley Geraldi. O autor classifica a prática linguística em: atividades Metalinguísticas e Epilinguísticas. Tais atividades estão presentes como uma indicação de renovação desse ensino. Ela estimula a desenvolver no aluno na interpretação da leitura, como eixo norteador de uma escrita clara e eficaz.

As atividades epilinguísticas nas práticas pedagógicas envolvem um novo olhar do professor referente às atividades da LP. Tais atividades favorecem ao aluno momento de reflexão e reescrita com seu próprio texto, para que ele possa exercer uma autonomia a fazer sua própria autocorreção. Para Geraldi, (2003) e Travaglia, (2002) as atividades epilinguísticas têm por objetivo proporcionar ao usuário da língua oportunidade para refletir sobre os recursos expressivos de que faz uso ao falar ou escrever. Geraldi (2013, p. 25), define atividades metalinguísticas, da seguinte maneira:

Aquelas que tomam a linguagem como objetivo não mais enquanto reflexão vinculada ao próprio processo interativo, mas conscientemente constroem uma metalinguagem sistemática com a qual falam sobre a língua. Tratam-se, aqui, de atividades de conhecimento que analisam a linguagem com a construção de conceitos, classificações.

O autor não desconsidera as atividades metalinguísticas como atividades desnecessárias para o ensino aprendizagem. O ensino da gramática é importante tanto na escrita como na fala, afinal, estamos numa sociedade onde o mercado de trabalho exige de nossos alunos um conhecimento, muitas vezes, baseado na gramática normativa. Todavia, tais conteúdos podem ser ensinados de forma contextualizada, sem fragmentações.

As observações aqui retratadas permitiram traçar um breve perfil dos professores entrevistados. Ao perguntar sobre a concepção de gramática foi visto pelo *P1 da escola 1*, que sua prática é centralizada na gramática, enquanto o *P2 da escola 2* sua prática é voltada para AL; *O P1 da escola 1* - desconhece AL como eixo do ensino da LP; (embora valorize a interação do aluno com o texto); o *P2 da escola 2* - afirma que “o ensino da AL e da gramática estão interligados. Eu não tenho como ensinar a gramática sem está ligada a AL”. A fala do P2 corrobora com Geraldi: “A análise linguística inclui tanto o trabalho com questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto” (1997, p.74), o P1 também nos mostre que valoriza a prática de AL, a importância da oralidade, interação do aluno com o professor, com o texto. Sem dúvida, a entrevista nos revelou uma discrepância em relação ao Plano Curricular nas escolas da rede municipal e da rede estadual do município investigado. Na rede municipal, a definição dos conteúdos é feita pelos livros, enquanto na rede estadual é toda elaborada pelo Plano Curricular da LP. Analisando o relato do P2, percebemos que o mesmo

tem assistência, acompanhamento da escola, (na escola,) ou seja, um total apoio da Secretaria do Estado de Pernambuco que, por sua vez, monitora seu trabalho e segue uma Pedagogia de Projetos, como foi citado pelo professor. Metodologia essa que tem por objetivo organizar a construção dos conhecimentos em torno de metas previamente definidas, de forma coletiva, entre alunos e professores, na maioria das vezes. O P2 demonstra que sua prática educativa está voltada em atividades que tem como base as indicações dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Utiliza-se de boas dicas e exemplos a serem usados em sala de aula. Valorizando sempre os eixos do ensino da LP: leitura, produção textual (oral e escrita) e análise linguística. Sua prática na sala de aula corresponde ao que determina o Parâmetros de LP, há a preocupação na formação de leitores proficientes e bons escritores para que possam executar essas atividades com naturalidade e facilidade. Por sua vez, o P1 em suas respostas demonstra uma falta de preparo teórico-metodológico para aplicar as propostas do PCN-LP em suas aulas e sem conhecê-lo é impossível essa prática. Analisando os dados do P1: “Temos que ver, que é através das regras gramaticais que aprendemos a conjugar os verbos, concordância e regência que é tão cobrada em concursos em geral e nas redações”. É notório a falta de conhecimento à respeito da AL do P1. Assim perguntamos: onde está a escola nesse processo de desinformação? Não conhece as necessidades dos seus profissionais. (P1). Os dados coletados não têm a intenção de generalizar e nem tão pouco, rotular. Identificamos dois docentes compromissados com o ensino da LP, porém precisando que a escola invista em seus profissionais, que tenham mais estudos sobre a importância que a análise Linguística no ensino da LP, em especial a rede municipal.

### **Considerações Finais**

A pesquisa revela que a Rede Estadual já vem trabalhando com o eixo da AL e dando condições aos professores de estudarem sobre o ensino da LP. No que diz respeito à Rede Municipal há uma certa dificuldade. Levando em consideração que a prática de ensino em cada instituição se deve as crenças do profissional e também aos limites impostos pela própria instituição de ensino, relacionamos as informações coletadas como um resumo ao que foi proposto neste trabalho acadêmico. Conclui-se que abandonar o ensino descontextualizado e pouco produtivo de classificações e nomenclaturas gramaticais nos parece ser um grande desafio para a maioria dos professores, em especial de Língua Portuguesa. A valorização do ensino da gramática é muito forte no discurso do professor da rede municipal, pois no decorrer da entrevista transpareceu valorizar um ensino voltado para a interação do aluno com o objeto de estudo. Essa persistência parece revelar que os docentes mantêm práticas que lhes dão certa segurança e que estão arraigadas, muitas vezes, em suas experiências escolares anteriores à sua formação profissional, experiências essas que associam aos saberes profissionais construídos no decorrer da carreira.

Muitos indicadores foram detectados diante da prática do professor da Rede Municipal, tais como: falta de formação continuada, investimento da equipe gestora no profissional de LP com estudos específicos, falta de um plano curricular voltado para as orientações dos PCN-LP, o livro didático é utilizado como definição do seu plano curricular. Acredita-se que o objetivo da escola deveria ser a formação de leitores proficientes e bons escritores para que possam executar essas atividades com naturalidade e facilidade. E infelizmente essa realidade da escola municipal compromete a praxe do professor em suas aulas de Língua Portuguesa.

Nesse contexto encontramos duas realidades bem antagônicas no que se refere a prática do professor de LP do 9º ano do Ensino Fundamental. O P2, que leciona na escola de rede estadual, em seu trabalho com a AL não vê a gramática como centro de suas aulas e sim atividades que

tem como enfoque principal, a reflexão sobre os usos da língua, ou seja, atividades voltadas para o texto e a partir dele é trabalhado a gramática. O P1, por sua vez, demonstra que ainda carrega consigo concepções tradicionais a respeito da língua/linguagem, não dando espaço à Análise Linguística em sua prática pedagógica.

A pesquisa revelou que a equipe gestora tem um papel fundante na prática do professor LP, quando a mesma se envolve no ensino aprendizagem. As análises e observações salientadas não devem ser tomadas como precauções, mas como pontos de partida para reflexões e desenvolvimento de investigações futuras em busca da melhoria das práxis pedagógicas em direção à reconstrução do ensino da Língua Portuguesa.

## Referências

ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de gramática sem pedra no caminho.** São Paulo: Ed. Parábola, 2007;

\_\_\_\_\_. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola editorial, 2009;

\_\_\_\_\_. **Gramática Contextualizada: “limpando o pó das ideias simples”.** 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014;

BAGNO, M; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. **Língua Materna: letramento, variação e ensino.** São Paulo: Parábola, 2002;

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco: Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio.** Brasília: MEC, 2012;

DUARTE, A.V.M.B. **Concepções de Linguagem e ensino da Língua Portuguesa: um olhar sobre o trabalho com a Análise Linguística.** Recife, o autor, 2014;

GERALDI, J. W. **Unidades básicas do ensino de português. In: \_\_\_\_.** **O texto em sala de aula.** São Paulo: Ática, 1997;

GERALDI, J. W. (org.). **Unidades básicas do ensino de português. O texto na sala de aula.** 4 ed. São Paulo: Ática, 2003;

MENDONÇA, M. **Análise Linguística no Ensino Médio: um novo olhar, um outro objeto.** In: BUNZEN, C; Mendonça, M. (Org). **Português no Ensino Médio e formação do professor.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006;

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 1996;

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1.º e 2.º graus.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.